

Para quem fica à margem

"Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa."

Às margens do rio Guaíba, a cada dois anos surge a Bienal do Mercosul. Ainda que o rio seja um lago e o Mercosul seja apenas um exercício da imaginação, essa grande exposição é sempre uma importante oportunidade para o público fever seus conceitos sobre arte.

Passados dez anos, ainda é possível encontrar muita gente à deriva, torcendo o nariz para a bienal, seja por conta de algumas obras ruins, resultado normal de todo grande evento de arte, seja pelo preconceito em relação ao novo. Porém, mais do que isso, a incompreensão muito tem a ver com uma idéia ainda tradicional do que deva ser "uma verdadeira obra de arte": o reconforto de um belo quadro, um nu bem modelado, uma virtuosa gravura, enfim, algo bonito de se ter na sala de casa. E então toda visita à bienal, ano a ano, torna-se um programa de curiosidades, bizarrices, um amontoado de motivos ao exercício da pilhéria – na verdade, distração daqueles que se ofendem com o que não estão dispostos a conhecer.

As divergências que as inúmeras linguagens, propostas e materiais provocam numa mostra desta natureza evidenciam, mais do que resistência ao contemporâneo, a falta de instrumentalização para ver os trabalhos expostos. Essa falta não é tanto da capacidade de ler a variedade de técnicas expostas, mas do domínio do código específico e das dis-

posições necessárias para o entendimento das obras, como por exemplo a História da Arte, a Crítica, a Filosofia e a Sociologia. Ver é conhecer. O público, em geral, está até muito acostumado com a multiplicidade da vida cotidiana, diariamente mergulhado na sinalética das ruas, no acúmulo de informações nos anúncios, na internet, nos shoppings, na infinidade de formas e cores que a dinâmica das cidades acumula sob nossos olhos. Ainda assim, ao visitar uma exposição de arte, o sujeito ainda quer ver a natureza-morta, o vaso de flores, a cena campestre ou o abstracionismo de churrascaria, muito provavelmente porque esse tipo de trabalho contém imagens reconhecíveis, com um tipo de representação que aparentemente prescinde de um conhecimento teórico mais profundo.

A dificuldade, então, repousa na capacidade do espectador de produzir um juízo de valor qualitativo, de ler os trabalhos a partir das proposições oferecidas pelos artistas, e saber entremeá-las ao seu próprio repertório, tendo assim uma fruição criativa. Sim, porque a obra, em última análise, é construída pela intersecção da criação do artista com a própria leitura que o público faz dela. Nos variados estágios dessa leitura, cada indivíduo apreende e codifica de modo particular sua significação.

É importante perceber os diferentes níveis de interpretação possíveis entre os significados (históricos, sociais, psicológicos) da produção simbólica da arte e os mo-



dos de sua textualização. Daí a importância dos livros, da visita freqüente a museus e galerias de arte, do conhecimento das técnicas, do debate cultural, fundamentais para a compreensão da arte contemporânea. Daí o papel da educação, que vai dar subsídios importantes para balizar essa compreensão.

O que a 6ª edição da Bienal do Mercosul nos propõe é deixar para trás as margens que delimitam um espaço específico, predeterminado, seguro e coerente, e, munidos com o que temos – nosso conhecimento, nossa história, nossa capacidade de sobreviver e ver o mundo –, navegarmos não em direção à outra margem, mas a uma terceira, improvável, mas não menos real. Aquela que ignora as certezas, as operações puras, lineares e deterministas, dando lugar a um universo híbrido, atual e antigo, construtivo e destruidor, esperançoso e trágico ao mesmo tempo.

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.”

Eliminadas as noções classificatórias fechadas – como as do belo e do feio, do real e do ficcional, do sentido e do não-sentido – poderemos entender com muito mais clareza que os antagonismos tornaram-se flutuantes. Convivemos com modos tradicionais e contemporâneos de pensamento, que moldam formas muito diversas de pensar e agir. A diversidade de opiniões é justamente o que constrói a própria narrativa dessa bienal; cada um construirá a sua, e o conjunto de todas será o que justifica tantos artistas serem expostos juntos. Desta maneira, a ação educativa deve ser pensada

como uma organização flexível, considerando limites ambíguos, sem uma separação clara entre fora e dentro, entre o que se refere ao grupo e a cada um.

As bienais são sempre uma boa oportunidade para lembrar que a obra de arte “ideal” deu lugar à multiplicidade de materiais, espaços e meios, que as regras da arte deram lugar às possibilidades da arte, que são muitas e dependem de quem as produz, de quem as divulga e de quem as vê. Na paisagem contemporânea a coerência e a unidade deram lugar à exploração lúdica das experiências transitórias.

“A gente teve de se acostumar com aquilo.”

O próprio fato de termos poucos artistas brasileiros na mostra – aliás, puro acaso do jogo flutuante que o curador Gabriel Pérez-Barreiro propôs – comprova que devemos aprender a nos desvencilhar das margens, a nos despojar de nossos pertences, sem “matula ou trouxa”, e aprender com as múltiplas ofertas simbólicas que a abertura contemporânea oferece “nessa água, que não pára, de longas beiras”.

Alexandre Dias Ramos
é artista plástico, especialista
em Arte-educação e
Museologia, Mestre em
Sociologia da Cultura pela USP,
autor do livro *Mídia e Arte:
aberturas contemporâneas*.